

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROFESSOR DOUTOR ADRIANO SCATOLIN

Principais contextos da oratória Romana

Nome: Lucas Quirino Alves

NºUSP 9823752



É de conhecimento geral que nosso conceito jurídico atual é advindo da tradição clássica, quase como um ensinamento eterno que é exercitado por oradores nos tribunais mundiais. Em Roma, principal berço oratório, discursos não eram proferidos apenas em um local, variando de praças públicas, assembleias populares até o senado, cada qual com sua especificidade oratória que precisava ser seguida para que, assim, o orador obtivesse sucesso que advinha não de seu uso específico, mas de um uso quase que intergênero.

Estas especificidades são chamadas de gêneros de causa, ou como me referirei a elas neste escrito gêneros causais e dividem-se dentre as diversas situações causais, cada um com seu público e critério para o uso. O gênero Judicial desenrola-se mediante a um pretor, onde há uma batalha discursiva entre o acusador e o defensor pelo veredito favorável do juiz, pelo o que seria justo ou injusto. Ocorre comumente no contexto de tribunal, seu local de ocorrência varia desde fóruns, praças públicas, até qualquer lugar aberto, por isso, o público neste caso, pode ser tanto o pretor quanto qualquer transeunte curioso que presenciava vereditos dados sobre questões tanto civis quanto criminais.

Para exemplificar este gênero basta observar o discurso *Defesa de Murena* por Cícero, que é o orador cuja obra mais sobreviveu às intemperanças temporais, atestando, assim, sua qualidade e legitimidade ao ser usado como um exemplo. Murena, acusado de fraude eleitoral recebeu a ajuda de seu amigo¹, Cícero, que havia o apoiado com toda reputação que dispunha na época como cônsul e tinha em mente a proteção de Roma, uma vez que a Republica estava ameaçada já que, dos três cônsules restariam apenas dois, sendo assim, o orador protege seu cliente nesta causa Judicial, que é tal por envolver um suposto crime.

Um outro gênero comum é o **Deliberativo** que diz respeito ao ato de aconselhar ou desaconselhar um acontecimento futuro, que tem como critério o que é útil ou nocivo à república, também usado para influenciar a escolha do favorável do Pretor. O gênero **Demonstrativo** apoia-se no torpe ou no belo, sejam pessoas ou ações, e tem como foco temporal o passado, apelando para a corona, que por sua vez tem um papel extremamente importante no que diz respeito ao andamento dos processos jurídicos, pois a corona pode vaiar um orador caso este se atralhe em sua fala ou seja ríspido demais em suas afirmações. Em outras palavras, o público geral força o orador a ter não apenas um

¹ Também pode ser lido como aliado

conhecimento extensivo dos gêneros causais, mas também artifícios para manter a coroa ao seu lado. Cícero explica no trecho abaixo sobre como manter a coroa ao seu lado:

“340. Em nenhum lugar são mais úteis os gracejos, a agilidade e algum dito breve desde que com dignidade e graça. De fato, nada mais fácil do que afastar a multidão da tristeza e, não raro, da severidade, por meio de um dito espirituoso colocado de maneira adequada, breve, aguda e bem-humorada”.²

Todos estes gêneros são usados muitas vezes em um único discurso, dando assim maior versatilidade ao orador, mas este deve se portar e ter preocupações específicas para quem irá discursar, sobre o que, e a localidade onde será proferido o discurso. Os ditos contextos são: o contexto do Tribunal, que já foi pincelado acima, o da Assembleia popular, o Senado e por último, mas não menos importante, a Cerimônia Fúnebre.

Com o contexto dos tribunais explicado em parágrafos anteriores resta-nos refletir quanto aos outros três. Começarei pelo contexto das assembleias, que recebem o nome de popular pois, para participar de uma, era preciso ser um cidadão romano, ou seja, ser homem e ter mais de trinta anos de idade. Eram convidados ou intimados a falar para o povo romano nos fóruns os magistrados e cidadãos comuns, que apresentavam temas que iam desde propostas de leis até informes senatoriais feitos apenas pelos **magistérios** que, claro, poderiam aumentar estes informes ou mesmo diminuí-los para que servissem aos seus interesses. Podemos usar como exemplo para esta causa o discurso de Cícero a favor de Gneu Pompeu, onde pode ser vista a artimanha para vencer as massas citada acima, quando o orador diz que só veio a frente da assembleia agora pois estava preparando-se para não fazer feio mediante de tão grandioso público.

O contexto do senado pode ser considerado o mais fechado de todos, pois quem discursa neste contexto são os próprios senadores para eles mesmos, **falando apenas sobre assuntos legislativos.**

A cerimônia fúnebre ocorre em vários locais: fórum, ao ar livre. Este contexto é bem específico, uma vez que se trata de uma homenagem a um morto feita por membros de sua família, de preferência seu filho onde ele engrandece linhagens e o próprio falecido para todo o povo romano. Isto, é claro, vale apenas para nobres e pessoas importantes para a república. **Existem também casos de discursos especiais,** como foi o caso do

² Cic. de Orat. 2. 340

discurso que Cícero fez a César em agradecimento ao perdão concedido a Marcelo que, assim como Cícero, havia se aliado a Pompeu durante a guerra civil.

Explanadas as principais características do Discurso, cabe-nos agora falar um pouco sobre as principais qualidades necessárias em um orador. Estas qualidades não são tão técnicas, mas sim quase que uma extensão de caráter que têm a capacidade de oferecer grande credibilidade àquele que as têm. A autoridade talvez seja a individualidade mais importante para um orador pois, acompanhando-a, temos o conceito de credibilidade que é útil para todos os contextos e gêneros causais já falados aqui, estes dois aspectos podem ser associados também à ética do orador que é o óleo que coloca em funcionamento toda a engrenagem discursiva, mas apesar de todo o esforço e treino para chegarem ao nível que Cícero está, os oradores não recebem ouro mas sim prestígio, criando-se, assim, uma moeda de troca política.

Um orador escolhe ajudar ou não um cliente dependendo do que está em jogo para ele. Normalmente, existe a questão da relação de amizade, já que um orador, ao ajudar um cidadão com certo poder, poderá muito bem “cobrar” tal favor no futuro, seja através de um voto, se o cliente for um senador ou mesmo um futuro cônsul, como o caso de Murena, que foi ajudado por Cícero, como já dito, para que ele segurasse o exército de seu rival político, Catilina, que tentara durante as revoltas catilinárias deturpar o andamento da república romana. Mas nem sempre essa troca é efetuada. Apesar de não ser possível afirmar com completa certeza, é dito, nos dias de hoje, que Cícero tenha proferido o discurso “*Pro Arquia*” com a intenção de ter um poema escrito em sua homenagem, uma vez que o cliente, nesta ocasião, era um renomado poeta cujo suposto poema feito para Cícero das duas uma: não chegou até nós devido ao tempo, ou sequer foi feito.